

**O Homem De Um Só Parágrafo: Desaparecimentos,
Equívocos e Esclarecimentos sobre Charles Fox Parham**
**The One-Paragraph Man: Disappearances, Misunderstandings,
and Clarifications about Charles Fox Parham**

Tiago de Moraes Kieffer¹

Oneide Bobsin²

RESUMO

Este artigo aborda a escassa informação disponível sobre Charles Fox Parham, uma figura destacada nos primeiros estágios do pentecostalismo. No contexto acadêmico brasileiro, Parham frequentemente é condensado em um único parágrafo, apesar de sua influência significativa no crescimento do movimento pentecostal. Este estudo destaca os desafios em encontrar uma compreensão abrangente de sua vida, uma lacuna que se reflete tanto nas percepções populares quanto na pesquisa acadêmica. As buscas em bancos de dados acadêmicos produziram resultados limitados, devido à falta de terminologia específica para Parham. Portanto, o objetivo deste estudo é explorar as polêmicas que cercam a vida de Parham, incluindo alegações de homossexualidade, racismo e ensinamentos heterodoxos. Isso visa proporcionar uma visão mais completa de sua biografia e teologia, contribuindo assim para uma compreensão mais aprofundada da teologia pentecostal.

PALAVRAS-CHAVE

Charles Fox Parham; Lacunas; Polêmicas.

ABSTRACT

This article discusses the limited information available about Charles Fox Parham, a prominent figure in the early days of Pentecostalism. In Brazilian academic discourse, Parham is often condensed into a single paragraph, despite his significant role in the growth of Pentecostalism. The study highlights the challenges in finding comprehensive information about Parham. The gap is evident in both popular perceptions and academic research. Searches in academic databases yielded few relevant results, and there is a lack of precise terminology for Parham in

¹ Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Doutorando em Teologia pela Faculdades EST. Bolsista CAPES.

² Doutor em Sociologia Política (PUC-SP), é professor da Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Brasil.

these databases. Therefore, this study aims to explore the controversies surrounding Parham's life, including allegations of homosexuality, racism, and heterodox teachings, in order to provide a more comprehensive understanding of his biography and theology, thus contributing to a deeper understanding of Pentecostal theology.

KEYWORDS

Charles Fox Parham; Gaps; Controversies.

Introdução

Charles Fox Parham foi um pastor norte-americano que viveu no final do século XIX e primeira metade do século XX. Ele é conhecido por liderar uma missão na cidade de Topeka, no estado do Kansas, Estados Unidos da América (EUA), e por ser o fundador da Escola Bíblica Betel. Nesta escola, a aluna Agnes Ozman, juntamente com outros estudantes, após estudarem sobre a evidência inicial do dom de falar em línguas, alegam ter sido batizados com o Espírito Santo, conforme a interpretação pentecostal desta doutrina. No caso de Agnes Ozman, é mais apropriado afirmar que ela experimentou a xenolalia, ou seja, o fenômeno no qual a pessoa recebe a capacidade de falar em um idioma desconhecido por ela, mas que é reconhecido mundialmente. Alega-se que, no caso de Ozman, o idioma falado foi o chinês, o que não é especificado se seria o mandarim.

Charles Fox Parham é frequentemente lembrado como o professor que, em Houston, Texas, instruiu o pastor negro William Seymour sobre a doutrina do Batismo com o Espírito Santo. Absorvendo esta doutrina, Seymour a transportou para a Califórnia, dando início ao renomado Avivamento da Rua Azusa, no número 312. Apesar da relevância de Parham para o pentecostalismo, ele é tido como racista, visto que proibiu Seymour de entrar na sala de aula de sua escola em Houston devido à sua cor de pele. Adicionalmente, Parham enfrentou acusações de manter um relacionamento homossexual, algo que, naquela época, era considerado crime. Para além da doutrina das línguas e do Batismo com o Espírito Santo, Parham defendeu outras doutrinas que se distanciavam do pensamento tradicional de seu tempo.³

O parágrafo acima, apesar de correto em seu conteúdo, condensa quase a totalidade das informações sobre Charles Fox Parham disponíveis em repositórios acadêmicos no Brasil. Em tais documentos, Parham é frequentemente reduzido a um breve parágrafo. Apesar da escassez de detalhes, ele, com todas as suas nuances, falhas e virtudes, é reconhecido – quer se aprecie ou não – como um dos pioneiros do pentecostalismo.⁴ Considerando o rápido crescimento do pentecostalismo no Brasil e a escassa literatura sobre Charles Fox Parham, decidimos dedicar nossa tese de doutorado à biografia e teologia desse personagem. No entanto, ao investigar o que já havia sido publicado sobre Parham em língua portuguesa, ou seja, o estado da arte,

³ A síntese apresentada foi baseada no manual “O Século do Espírito Santo”, de Vinson Synan, que aborda a história do movimento pentecostal. Contudo, é relevante observar que essa síntese é similar à apresentada em diversos outros livros que tratam da história do movimento pentecostal. SYNAN, Vinson. *O Século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Editora Vida, 2009.

⁴ LEE, Chang-Soung. Who is the father of Pentecostal Movement? *Journal Of Yongsan Theology*, Yongsan, v. 43, p. 303-354, 2018.

deparamo-nos com enormes desafios. A fim de evitar repetições e impulsionados pela vontade de entender o que já havia sido estabelecido para depois explorar o desconhecido, embarcamos na árdua tarefa de analisar o que se falou sobre Parham até o momento.

Primeiramente, voltamos nossa atenção à percepção popular. Embora raramente recorramos a pesquisas de redes sociais como referências bibliográficas, elas servem como um importante indicativo para compreender o que o público em geral ou escritores não especializados pensam a respeito de determinado tema. O que mais escutava durante minhas palestras em igrejas era: “nunca ouvimos tantos detalhes sobre este personagem” ou “nunca escutei a respeito de Parham”. No trabalho de divulgação teológica e histórica que realizo nas redes sociais, qualquer menção a Parham causava surpresa. Uma pesquisa breve no Facebook utilizando o termo “Charles Fox Parham” revelou postagens como “AS IGREJAS e RELIGIÕES CRISTÃS, através do PASTOR CHARLES FOX PARHAM e ALAN KARDEC, declararam que NEGROS são ANIMAIS SELVAGENS SEM ALMA”⁵. Em outra ocasião, a informação encontrada foi de que Parham “fundou a *Assemblies of God*”. Em uma publicação mais esclarecida da mesma plataforma, o autor ressaltava “quem conta um ponto aumenta um ponto”, refutando a ideia de que Charles Fox Parham teria sido o fundador das Assembleias de Deus nos EUA.⁶ Em um blog reformado chamado *Sola Scriptura*⁷, havia um artigo listando alguns peculiares pastores pentecostais americanos, incluindo Charles Fox Parham.

Nossa pesquisa sobre o Estado da Arte no contexto popular revelou que, além da limitação no conhecimento sobre a biografia de Parham, existiam também concepções equivocadas a seu respeito. E quanto aos estudos acadêmicos? Procuramos na Plataforma Sucupira os cursos ativos de Teologia e Ciências da Religião no Brasil. No total, encontramos 11 Programas de Pós-Graduação (PPG) em Ciências da Religião⁸ e 10 PPGs em Teologia. Alguns repositórios, como o das Faculdades EST e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, apresentavam uma busca mais intuitiva. Por outro lado, em instituições como a Faculdade Batista do Paraná, o processo de pesquisa mostrou-se mais complexo.

Nos diversos repositórios consultados, identificamos a ausência de uma busca por “termos exatos” que não estivessem contidos nas palavras-chave ou no título da pesquisa. Assim, selecionamos algumas palavras-chave para rastrear trabalhos que possivelmente mencionavam Charles Fox Parham. Optamos por termos como “pentecostalismo”, “pentecostal” e “pentecostais”, e, também, por expressões mais específicas, como “Assembleia de Deus”, “Congregação Cristã no Brasil” e “Igreja do Evangelho Quadrangular”. Estávamos cientes das limitações desse método, já que pesquisas de qualidade, como a realizada por meio do Sionismo Cristão e sua influência na cultura protestante, mencionam Parham, mas não se concentram no pentecostalismo.⁹ Em grande parte desses estudos, bem como nos artigos acadêmicos, com poucas

⁵ As palavras em maiúsculas estavam no texto original.

⁶ Ambas as opiniões foram retiradas de posts encontrados na rede social *Facebook*. A identidade de quem postou foi preservada.

⁷ ROCHA, Dalton Catunda. Alguns estranhos pastores pentecostais americanos. Disponível em: <http://solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/QEstranhosPastoresPentecostais-DCRocha.htm>. Sem Ano.

⁸ Há três categorias que aparecem relacionados a esta área do conhecimento: Ciência da Religião, Ciências da Religião e Ciências das Religiões. Optamos por unificar a expressão Ciências da Religião neste artigo.

⁹ REINKE, André Daniel. *O sionismo cristão e sua influência na cultura protestante brasileira*. 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades Est, São Leopoldo, 2018.

variações, encontramos a reiteração das mesmas informações, sem aprofundamento ou esclarecimento das controvérsias.

A nossa inquietação quanto à necessidade de esclarecer as polêmicas e de compreendê-las em seu contexto não visa justificá-las, mas sim entendê-las. E, por meio dessa compreensão, também alcançar uma melhor percepção sobre o próprio pentecostalismo. É imperativo questionar as razões para essa escassez de informações. Talvez seja devido à falta de interesse, o que é contestado quando observamos o entusiasmo das pessoas ao discutirem sobre Parham em conversas e aulas. Pode ser que as informações sejam omitidas por não estarem diretamente relacionadas ao tema central dos estudos, mas essa hipótese também é refutada, dado que a recorrente abordagem das três ondas (metodologia competente, porém restritiva) é replicada em quase todos os trabalhos, mesmo que tratem de tópicos completamente distintos.¹⁰ O fato é que essa tendência não é exclusiva do Brasil. Andreas Johnson argumenta que há um esforço dos autores para moldar uma narrativa do passado que seja aceitável aos editores e, assim, o papel de Charles Fox Parham é frequentemente alterado ou até omitido.¹¹ Leonildo Silveira Campos sustenta que as acusações sofridas por Parham o marginalizaram dos círculos pentecostais, o que, no que lhe concerne, o excluiu da historiografia do tema. Parece que ele representa um passado do pentecostalismo que precisa ser esquecido.¹²

O propósito deste artigo é, com base na análise de autores anglofônicos, elucidar os aspectos biográficos de Parham que suscitaram críticas. Não temos a intenção de justificar os equívocos de Parham nem de intensificar as críticas direcionadas a ele. Almejamos contribuir para um entendimento mais aprofundado de sua biografia e teologia, visando a uma compreensão mais precisa da teologia pentecostal. No primeiro tópico, abordaremos as acusações de homossexualidade direcionadas a Parham; no segundo, discutiremos as alegações de racismo; e, por fim, analisaremos as heterodoxias defendidas por ele.

1. A acusação de homossexualidade

A acusação mais frequente contra Parham¹³ é a de homossexualidade. Essa informação é frequentemente apontada de forma crítica no âmbito popular e por teólogos conservadores. Por outro lado, em pesquisas acadêmicas, essa informação é tratada como um indicativo da resistência pentecostal em relação a ele. Em sua biografia, essa narrativa começou em 1907, quando

¹⁰ FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 307 f. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Unicamp, Campinas, 1993.

¹¹ JOHNSON, Andrea S. All Manner of Evil Spoken Falsely. Acts of Sodomy, the Pentecostal Presses, and the Narrative of Charles Fox Parham. *Pneuma*, n.41, p. 31-49, 2019, p. 33.

¹² CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, n. 67, p. 100-115, 2005.

¹³ É importante esclarecer, mesmo que brevemente, aspectos da biografia de Parham antes das acusações que serão esclarecidas neste trabalho. Parham nasceu em Muscatine, Iowa, em 1873. Sua conversão se deu na escola onde estudava, por meio da pregação de um ministro itinerante. Iniciou sua vida ministerial no metodismo, mas logo o abandonou por conta do formalismo da instituição, criando assim o Movimento da Fé Apostólica. Sua primeira ênfase ministerial a cura na expiação. As polêmicas aqui abordadas se referem ao período pós-1900. Informações biográficas completas sobre Parham podem ser vistas em GOFF Jr, James. *Fields White Unto Harvest: Charles F. Parham and the missionary origins of Pentecostalism*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 1988.

Parham foi acusado e detido por cometer uma “ofensa não natural”, interpretada na época como crime de sodomia. Vale ressaltar que a definição de “ofensa não natural” durante os tempos de Parham não se restringia necessariamente à sodomia¹⁴, podendo abranger transgressões como adultério ou mesmo masturbação.¹⁵ A sodomia, frequentemente associada à prática do sexo anal, englobava uma série de atos sexuais vistos como ilícitos. No Texas, onde Parham foi detido, esse delito estava codificado no estatuto 524.¹⁶

O caso “Lawrence v. Texas”, ocorrido em 2003, representa um marco decisivo na revogação da lei de sodomia, especialmente no Texas. Essa decisão da Suprema Corte dos EUA invalidou as leis de sodomia texanas, legalizando a atividade sexual consensual entre adultos do mesmo sexo em todo o território nacional. O caso originou-se da detenção de John Lawrence e Tyron Garner, que foram acusados de infringir a “Lei de conduta homossexual do Texas”. O litígio questionou a constitucionalidade dessa lei, com base na cláusula de proteção igual e no direito à privacidade estabelecido pela 14ª Emenda. A Suprema Corte, ao deliberar em favor de Lawrence, salientou que o cerne da questão não era o direito de praticar a sodomia *per se*, mas sim o direito à privacidade em relações consensuais entre adultos.¹⁷

A polêmica se iniciou em uma época que o ministério de Parham estava vivendo uma ambiguidade. A sua formulação em Topeka acerca do papel das línguas estranhas e do Batismo com Espírito Santo tinha conquistado outras regiões como Galena e Texas e inspirado movimentos que cresciam consideravelmente como o Rua Azusa liderada por um de seus alunos Willian Seymour.¹⁸ No entanto, esse relacionamento, que já havia começado conturbado por causa do racismo de Parham – o que veremos na próxima seção – somou-se ao descontentamento com os caminhos que as manifestações de Azusa levaram.

Antes mesmo de visitar Azusa e tentar assumir seu controle, Parham estabeleceu uma missão em Zion City, comunidade fundada por Alexander Dowie, que ele já tinha visitado anos antes durante uma viagem destinada a conhecer outras missões com ênfase na doutrina da cura. Essa cidade passava por desafios de liderança após as polêmicas nas quais Dowie se envolveu. Wilbur Glenn Voliva tentava conduzir os rumos da comunidade nesse contexto. A instabilidade tornou-se uma oportunidade para Parham consolidar sua presença em Zion City por meio de seu ministério, considerando a influência global da comunidade. Isso gerou uma oposição entre Voliva e Parham em Zion City. Voliva criticava Parham publicamente, afirmando que ele estava possuído por demônios e que seguir Parham era um equívoco.¹⁹

Outra contenda de Parham envolvia W. F. Carothers. Como abordaremos no próximo tópico, Carothers possuía uma visão mais radical do que Parham a respeito da participação de negros no ministério da Fé Apostólica. Na ausência de Parham, Carothers assumia a liderança da missão em Houston, Texas. Carothers tinha prestígio nas igrejas locais de santidade e, aproveitando-se da ausência de Parham, consolidou seu poder nessas congregações. No primeiro dia de janeiro de 1907, um jornal local de San Antonio publicou uma notícia que pintaria Parham

¹⁴ JOHNSON, 2019, p. 32.

¹⁵ GOFF, Jr., 1988, p. 223.

¹⁶ GASPERI, Fernando Vanzin de. Eventos importantes relacionados aos direitos de homossexuais nos Estados Unidos analisados à luz de teorias culturais. *Temporalidades*, Belo Horizonte, v. 3, n. 7, p. 59-70, set. 2015, p. 67.

¹⁷ GASPERI, 2015, p. 67.

¹⁸ LEE, 2018, p. 15.

¹⁹ GOFF, 1988, p. 151.

como uma figura demoníaca para outras lideranças religiosas. Segundo o jornal, Parham estava sob investigação policial, fato que seria confirmado em julho com sua prisão. A acusação girava em torno de um suposto envolvimento com J. J. Jourdan, um jovem de 22 anos, que provavelmente só ganhou destaque na historiografia pentecostal por conta dessa alegação.²⁰ Essa não era a primeira vez que Jourdan se encontrava em meio a uma acusação criminal, pois registros anteriores mostram seu envolvimento em um inquérito relacionado ao roubo de uma quantia superior a 50 dólares.²¹

Provavelmente a polêmica foi publicada no jornal com um hiato de tempo considerável entre a publicação e a formalização jurídica do caso. Parham havia permanecido em San Antonio e pregado lá por quase um ano. Durante essa viagem, esteve ausente de sua família. J.J. Jourdan era um jovem de ascendência judaica, oriundo de Nova Iorque, e provavelmente um cantor, descrito por Parham como alguém de “voz angelical”. Jourdan fora preso anteriormente em Dallas por ter roubado 75 dólares de C.J. Seldmayer, um empresário local. Por seu talento como cantor, atuou na Broadway, interpretando personagens femininos em suas apresentações. Não há evidências conclusivas sobre sua orientação sexual. Mesmo com a sociedade local ciente da amizade entre Parham e J.J. Jourdan, a mídia, em um primeiro momento, não atribuiu nenhuma conotação sexual à relação deles. No entanto, ao decidir prolongar sua estadia em San Antonio, a controvérsia emergiu.²²

Em 18 de julho, Parham foi abordado por um policial que, segundo sua versão, o coagiu a assinar uma confissão pública admitindo ter praticado sodomia com J.J. Jourdan. Parham relatou ter sido forçado a assinar tal confissão. Ele sustentava que, além de Voliva, seu adversário, que inclusive afirmava possuir uma cópia da declaração, outros três pastores conspiraram contra ele. Havia evidências tanto a favor quanto contra as acusações de “sodomia” envolvendo Parham. Lideranças da própria organização de Parham, teria financiado um promotor para pressionar Parham a emitir a confissão. Em contrapartida, membros de congregações de San Antonio apresentaram cartas de outras localidades com alegações de comportamentos similares por parte de Parham. Quando Parham foi detido, J.J. Jourdan permaneceu em silêncio, enquanto Parham continuou negando veementemente ter cometido o crime de sodomia.²³

Após o pagamento de sua fiança por membros da missão em Houston, Parham foi solto. Logo em seguida, começou a pregar no mesmo local onde havia sido detido, o Majestic Theater. O julgamento estava programado para outubro, mas devido à falta de provas, não ocorreu. Ainda assim, Parham teve que deixar San Antonio devido à perseguição do público que se voltou contra ele. A detenção de Parham foi comemorada pelos seguidores de Voliva e por inimigos de Parham, ex-membros da Fé Apostólica, em San Antonio.²⁴ As acusações de Parham contra Voliva não eram infundadas, pois o primeiro jornal a divulgar o caso foi o Zion Herald, associado a Voliva. No entanto, apesar de se proclamar inocente, Parham não buscou evidências para restaurar sua reputação, acreditando que seus verdadeiros seguidores sempre confiariam em sua inocência.²⁵

²⁰ GOFF, 1988, p. 169.

²¹ GOFF, 1988, p. 170.

²² MARTIN, Larry. *The Unlikely Father of Modern Pentecostalism: Charles Fox Parham*. New Kensington: Whitaker House, 2022, p. 245.

²³ MARTIN, 2022, p. 246.

²⁴ MARTIN, 2022, p. 251.

²⁵ GOFF, 1988, p. 172.

A esposa de Parham, Sarah, foi a principal defensora de seu ministério e reputação. Em 1930, um ano após a morte de Parham, Sarah afirmou ter renovado os votos com ele e que ambos permaneceram fiéis um ao outro até o fim. Outros, como Howard Goss, sustentavam que a “falha” de Parham de fato existiu, mas foi passageira. A historiografia pentecostal não enfrentou tanto o desafio de comprovar a veracidade do caso, mas sim de se adaptar às variadas interpretações sobre a homossexualidade ao longo da história, sobretudo em relação à sociedade americana. Durante a Guerra Fria, muitos autores optaram por não mencionar o escândalo, visando preservar a imagem de Parham. Alguns faziam referência à acusação, mas ressaltavam que não podiam fornecer argumentos conclusivos para confirmar ou refutar sua veracidade.²⁶ Assim, gerou-se um debate: alguns criticam a igreja por sua postura homofóbica ao marginalizar Parham, enquanto outros argumentam que a igreja não poderia ter um líder com tal conduta. Há ainda aqueles que negam o episódio e os que se dedicam a dissecar as narrativas. Contudo, tais discussões tornam-se secundárias diante da acusação, mais bem documentada e amplamente aceita pelos pesquisadores, de que Parham era racista.

2. A acusação de racismo

A alegação mais recorrente nos estudos é que Parham era racista e tinha simpatias pela Ku Klux Klan (KKK). Contudo, é crucial destacar que, apesar de os membros da KKK serem notoriamente racistas, essas críticas a Parham não são automaticamente equivalentes. Em primeiro lugar, é amplamente aceito que William Seymour foi introduzido ao pentecostalismo através das aulas que teve com Parham em Houston, no Texas. Durante essas aulas, Seymour foi obrigado a estudar da porta para fora, dado o preconceito racial de Parham. Quanto à suposta afiliação de Parham à KKK, nem todas as pesquisas brasileiras mencionam essa ligação, e as que o fazem, referem-se apenas à sua simpatia pela organização, sem fornecer detalhes ou evidências que sustentem essa conclusão.

Seymour foi apresentado a Parham através de Lucy Farrow. Farrow, uma mulher negra nascida durante a época da escravidão nos Estados Unidos, era também uma pastora do movimento de santidade e havia sido contratada por Parham para ser a governanta de sua residência. Na ausência de Farrow do púlpito da igreja, devido a uma viagem que realizou com Parham, Seymour assumiu a liderança de sua congregação. Foi assim que ela se familiarizou com a mensagem do batismo pelo Espírito Santo, evidenciada pelo dom de falar em línguas, e transmitiu esse ensinamento a Seymour, que rapidamente demonstrou interesse em aprender mais diretamente com Parham.²⁷

Contudo, embora Farrow fosse adepta do ensino pentecostal e Seymour também mostrasse interesse, isso não significava que as barreiras sociais daquele período seriam superadas. Na época, as leis Jim Crow prevaleciam nos EUA. Originadas do caricaturesco personagem Jim Crow de Thomas D. Rice, essas leis foram instituídas no final do século XIX em diversos estados do sul dos EUA, com a intenção de estabelecer espaços segregados para brancos e negros,

²⁶ JOHNSON, 2019, p. 41.

²⁷ BURGESS, Stanley; MAAS, Eduard M. Van. *The New International, Dictionary of Pentecostal Charismatic Movements*. California: Zondervan, 2002, p. 1150.

mantendo-os separados.²⁸ A postura de Parham diante disso era ambígua. Ele não hesitava em evangelizar e ensinar sobre a doutrina do batismo pelo Espírito Santo para os negros; contudo, não acreditava em uma “democracia racial”. Conforme mencionado anteriormente, ele se surpreendeu com a profunda igualdade vivenciada na experiência de Azusa. No contexto da escola em Houston, Goff observa:

Antes de deixar Houston, Farrow convenceu seu amigo Seymour a pastorear sua igreja enquanto ela estivesse fora. Quando ela voltou no final de outubro, ela o intrigou com seu testemunho do cumprimento pentecostal. Seymour soube dos planos de Parham de abrir uma escola bíblica e perguntou sobre a admissão. Parham, sensível aos estatutos locais de Jim Crow e ainda simpatizante da disseminação da doutrina pentecostal entre os negros, admitiu Seymour na escola bíblica, mas forneceu assentos separados. Seymour comparecia diariamente e sentava-se em uma sala adjacente onde, por uma porta aberta, absorvia a teologia da Fé Apostólica. Ele aceitou entusiasticamente o novo ensino do batismo espiritual, mas não recebeu pessoalmente a experiência naquele momento.²⁹

Parham não era o mais racista dentre os pregadores de Houston (ainda que seja delicado estabelecer graduações em um tema tão sensível). Seu colega de ministério e futuro adversário, W.F. Carothers, acreditava que a animosidade racial era um dom de Deus para prevenir a miscigenação. Ele defendia a ideia de um avivamento segregado: um avivamento específico para brancos e outro para negros. Acreditava que, para o avivamento entre os negros, deveria haver a formação de líderes brancos que orientassem os negros, garantindo que estes mantivessem certa etiqueta social.³⁰ Embora Parham não defendesse a segregação com tal intensidade, também percebia sua raça como superior. Não é nosso propósito aqui julgar ou absolver Parham. Contudo, ao rememorar exemplos de abolicionistas em um mundo dominado pela escravidão e, principalmente, o exemplo de Dietrich Bonhoeffer, um pastor contrário ao nazismo em uma Alemanha nazista, torna-se complexo rotular Parham simplesmente como um “homem de seu tempo”. A verdade é que durante a época de Parham, como existe nos dias de hoje, existiam homens racistas e não racistas, que eram inclusivos ou exclusivos em sua teologia.

Isso se evidencia com as alegações de que Parham teria sido membro ou simpatizante da KKK. Em termos gerais, a KKK foi um movimento supremacista branco nos Estados Unidos, estabelecido na segunda metade do século XIX. Originado por sulistas descontentes com o desfecho da Guerra Civil Americana, eles cultivaram a ideia de que os verdadeiros inimigos da nação eram os negros, judeus, latinos, imigrantes, homossexuais, muçulmanos, defensores do aborto, ateus, entre outros. Assim, preconceitos raciais eram amalgamados com inclinações moralistas. Conforme Root, uma das principais influências no pensamento de Parham foi o populismo vigente no Kansas, que, entre outras características, estava impregnado de moralismo e da concepção de que a nação americana estava em declínio moral.³¹ Adicionalmente, Parham percebia, sob sua perspectiva, que seu próprio movimento estava sendo contaminado

²⁸ FREMOM, David K. *The Jim Crow laws and racism in American History*. Nova Jersey: Enslow Publishers, 2000.

²⁹ GOFF, 1988, p. 136.

³⁰ GOFF, 1988, p. 137-138.

³¹ ROOT, Jonathan. *A People's Religion: the populist impulse in early Kansas pentecostalism, 1901-1904*. 2009. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Departamento de História, Kansas State University, Manhattan, 2009.

por doutrinas que ele julgava heterodoxas. O líder desse movimento era um homem negro que estabeleceu um ambiente com o que Parham via como uma perigosa diversidade étnico-racial. Nesse contexto, Goff afirma:

Na década de 1920, Parham temperou ainda mais suas visões anti-estabelecimento. Preocupado com a anarquia que parecia invadir a América após a guerra, ele se tornou cada vez mais crítico da ideologia radical. Já endurecido na questão da corrida por sua experiência em Azusa em 1906, Parham não sentiu escrúpulos em elogiar a reorganizada Ku Klux Klan. A relação era ironicamente semelhante à que ele mantinha com o socialismo uma década antes. Parham admirava muitos líderes da Klan, mas considerava seus esforços infrutíferos, pois não tinham uma agenda puramente espiritual. Ele fez um apelo em 1927 a todos os membros do “império invisível** para coordenar seus “elevados ideais para a melhoria da humanidade” com a genuína restauração pentecostal da “religião dos velhos tempos”³².

A referência a Parham feita por Goff foi extraída do jornal “*The Apostolic Faith*”, publicado em 1927, e que atualmente pode ser consultado no arquivo da *Oral Roberts University*. Nesse documento, também é mencionado um convite a Parham para participar de uma reunião desse grupo supremacista. Com base nisso, não se pode afirmar categoricamente que Parham tenha sido membro da KKK. No entanto, semelhante a William Marrion Branham, conhecido por seus seguidores como “O Profeta”, percebe-se uma aproximação considerável com tais supremacistas. Infelizmente, não é incomum que, em nome de uma moralidade e de um progresso para o país, líderes religiosos confundam seus preconceitos com avanços para a humanidade, maculando assim seus legados com atitudes reprováveis como o racismo.

Parham tentou direcionar os rumos que Azusa tomava, o que resultou em seu próprio movimento o descartando como seu precursor.³³ Em suas críticas, Parham afirmava que, em Azusa, dois terços das manifestações em línguas eram falsas, oriundas de influências hipnóticas e espíritas. As danças e a “tagarelice” eram vistas por ele como reflexo de falta de controle emocional, sendo interpretadas como imitações demoníacas para enganar as pessoas sinceras.³⁴ Anderson ressalta que a influência de Parham sobre o pentecostalismo perdurou por décadas, o que é evidenciado na segregação presente nas Assembleias de Deus americanas e na perpetuação da ideia anglo-americana (que será discutida no próximo tópico) como uma maneira de legitimar um pentecostalismo branco em contraste com um pentecostalismo negro. Entre os missionários pentecostais, encontram-se relatos de intransigência cultural e racismo, muitas vezes desconsiderando as histórias locais. É mencionado, por exemplo, o impacto negativo do pentecostalismo no apartheid sul-africano.³⁵

3. A acusação de heterodoxia

A teologia pentecostal, em sua singularidade, já não se sustenta como tal nos dias de hoje. Em nosso contexto atual, a pós-modernidade justifica a emergência dos “pentecostalismos” no

³² GOFF, 1988, p. 157.

³³ LEE, 2018, p. 15.

³⁴ ANDERSON, Allan. The Dubious Legacy of Charles Parham: Racism and Cultural Insensitivities among Pentecostals. *Pneuma: The Journal of the Society for Pentecostal Studies*, v. 27, n.1, p. 51-64, 2005, p. 54.

³⁵ ANDERSON, 2005.

plural. Entretanto, já desde a primeira geração de pentecostais, uma diversidade de pensamentos era evidente. Isso ofereceu aos adeptos desse movimento a liberdade de escolher, dentre um leque de opções, aquela que mais os atraía. Aqueles que analisam o movimento pentecostal apenas com base nas doutrinas de Parham não reconhecem as múltiplas transformações pelas quais o pentecostalismo passou até se consolidar como conhecemos hoje. Jacobsen aponta que, para muitos, o pentecostalismo sequer possui uma teologia definida, dado que sua principal ênfase repousaria na experiência, e não em formulações teológicas. Tal visão é alimentada tanto pela mídia quanto pelos próprios pentecostais. Contudo, na realidade, a vivência pentecostal sempre foi moldada e refletida por sua teologia, assim como sua teologia sempre esteve profundamente enraizada na experiência.³⁶

A teologia de Parham pode ser explorada em algumas de suas obras, como os jornais “Fé Apostólica” e os livros *A Voice Crying in the Wilderness* (1902) e *The Everlasting Gospel* (1920).³⁷ Talvez, devido a algumas de suas doutrinas serem percebidas como peculiares em relação ao protestantismo convencional, houve um distanciamento entre Parham e o movimento pentecostal, incluindo teólogos pentecostais e pesquisadores do pentecostalismo. A título de exemplo, Parham sustentava, assim como o movimento mórmon, que os anglo-saxões pertenciam a uma linhagem relacionada às tribos perdidas de Israel. Ademais, contrariando interpretações mais conservadoras, ele não via o primeiro capítulo do livro de Gênesis como uma descrição literal. Contudo, o que realmente surpreende muitos dos seus leitores contemporâneos são suas perspectivas escatológicas. Situado em um contexto influenciado pela ideia do Destino Manifesto e pelo Dispensacionalismo, Parham acreditava que, durante a Grande Tribulação, os EUA seriam subjugados por um anticristo de origem palestina. As fontes dessas profecias vinham, em parte, da Bíblia, mas também de supostas profecias atribuídas ao presidente George Washington e do livro apócrifo 2 Esdras.³⁸

A compreensão de Parham acerca do dom de línguas era complexa. Em uma de nossas pesquisas, apresentada no Congresso da Anptecre, exploramos as diferenças entre o entendimento de Parham sobre o dom de línguas e o dos primeiros assembleianos brasileiros. Com base no artigo “Speaking in Tongues Privately” de Chang Soung Lee³⁹, argumentamos que Parham distinguia entre línguas públicas e línguas privadas. As línguas privadas eram destinadas à oração, comunicação com Deus e louvor. Por outro lado, as línguas públicas tinham como propósito principal validar as promessas bíblicas, servir como evidência do batismo com o Espírito Santo e atestar a genuinidade da fé do crente. Inicialmente, Parham acreditava que as línguas manifestadas eram idiomas reais, ou seja, experiências de xenolalia. No entanto, com o passar do tempo, ele passou a reconhecer a ocorrência da glossolalia, referindo-se à manifestação de línguas não compreendidas nem pelo falante nem pelo ouvinte. Em contrapartida, os assembleianos brasileiros adotavam uma interpretação muito mais simplificada sobre o dom de línguas.⁴⁰

³⁶ JACOBSEN, Douglas. *Thinking in the Spirit Theologies of the Early Pentecostal Movement*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2003, p. 2.

³⁷ Esse livro foi publicado em português com o título *Uma Voz Clamando no Deserto* pela Editora Reflexão em 2020.

³⁸ JACOBSEN, 2003, p. 38.

³⁹ LEE, 2018.

⁴⁰ KIEFFER, Tiago de Moraes. *Qual o papel das línguas estranhas? Aproximações e distanciamentos entre Charles Fox Parham e os assembleianos brasileiros*. In: VIII Congresso Anptecre, 2022, São Leopoldo. Anais do VIII Congresso da ANPTECRE. Porto Alegre: Editora Fundação Fenix, 2022. v. 2, p. 509-516.

4. A opção por Durham

Por último, um dos fatores que contribuíram para o distanciamento de Parham foi a adoção, pelo movimento pentecostal, da teologia de William Durham. Esta figura desempenhou um papel crucial na moldagem do pentecostalismo, tanto teológica quanto historicamente. Atuando como pastor em Chicago, Durham teve seu primeiro contato com o pentecostalismo em Azusa a partir de 1910. Conforme citado por Jacobsen:

A questão tornou-se então como receber essa bênção, e Durham estava convencido de que o melhor método era em primeira mão. Então ele pegou o trem para Los Angeles para ver o que estava acontecendo na Missão Azusa. Ele chegou a Los Angeles no início de fevereiro e, após um mês de observação e luta espiritual, finalmente recebeu seu batismo. Durham descreveu a experiência com grande atenção ao físico. Ele disse que seu corpo foi “empurrado e abalado” por três horas antes que Deus finalmente tomasse conta de suas cordas vocais e começasse a usar sua língua e lábios “para produzir sons estranhos”. Mais ou menos na mesma época, disse ele, “ouviu o irmão Seymour, o pastor, dizer: ‘Ele já passou’”⁴¹.

Logo, a interpretação de Durham sobre o ensino que recebeu em Azusa sofreu mudanças significativas. A tabela a seguir foi desenvolvida no artigo “O Espírito entre Topeka, Los Angeles e Chicago”, resultado de nosso trabalho de conclusão em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão⁴², e tem como referência a pesquisa de Hollenweger.⁴³ Seu objetivo é destacar as diferenças na visão sobre o batismo com o Espírito Santo introduzido por Durham.

Movimento	Estágio 1	Estágio 2	Estágio 3
Igrejas de Santidade	Conversão, <i>também chamado de regeneração</i>	Santificação, distinta em tempo e conteúdo da conversão; também chamado de ‘batismo do Espírito’ ou ‘segunda bênção’. Conhecido como o entendimento Wesleyano de santificação. Santificação em tempo determinado e fixo.	

⁴¹ JACOBSEN, 2003, p. 18.

⁴² KIEFFER, Tiago de Moraes. *O Espírito entre Topeka, Los Angeles e Chicago*. Revista Teológica, v.1, n.10, 2022.

⁴³ HOLLENWEGER, Walter J. *The Pentecostals: The Charismatic Movement in the Churches*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1972.

Parham/Seymour – pentecostais de três estágios	Conversão, <i>também chamado de regeneração</i>	Santificação, distinta em tempo e conteúdo da conversão, e também chamada de ‘segunda bênção’. Santificação em tempo determinado e fixo. O tema pastoral por trás dessa compreensão da santificação é que o Espírito Santo só pode entrar em corações purificados.	Batismo do Espírito, com o falar em línguas.
Durham; pentecostais de dois estágios (cap.2.4):	Conversão, também chamada de regeneração.	Batismo do Espírito, com o falar em línguas. (Aqui a santificação é entendida como um processo contínuo ao longo da vida; conhecido como o ‘compreensão batista de santificação’.)	

Conforme se observa, Durham significou uma ruptura com o movimento de santidade ao qual Parham e Seymour estavam vinculados, especialmente na formulação da doutrina das línguas estranhas. Eles entendiam que, inicialmente, ocorria a salvação, seguida da santificação e, finalmente, do batismo com o Espírito Santo para serviço ou missões. A este processo denominamos doutrina das três bênçãos. No entendimento de Durham, a santificação se dava simultaneamente à salvação, tornando a segunda e última bênção o batismo com o Espírito Santo. Parece-nos que as igrejas brasileiras, por terem sua origem histórica em Chicago, optaram pela doutrina de Durham em detrimento da de Parham e Seymour, que estava ligada ao movimento de santidade.

Além disso, a própria forma de compreensão das línguas se modificou já na primeira geração. Parham e os primeiros pentecostais acreditavam que, quando eram tomados pelo Espírito Santo durante o Batismo, falavam línguas de países existentes. Supostamente, missionários confirmaram que os batizados falavam em idiomas humanos, enquanto muitos outros descobriram que as línguas que falavam não eram realmente originárias dos locais para onde tinham sido enviados. Dessa forma, o próprio William Seymour modificou sua compreensão, entendendo que a língua falada no Batismo com o Espírito Santo não necessariamente precisava ser uma língua humana real. Seymour compreendeu que houve um mal-entendido do propósito bíblico das línguas. As línguas verdadeiras faladas no Batismo, segundo Seymour e seus seguidores, como Alfred e Lillian Garr, não precisavam ser uma língua real (xenolalia), mas poderiam ser uma língua divina (glossolalia), conhecida apenas por Deus.⁴⁴

⁴⁴ ESPINOSA, Gastón. *William J. Seymour and the Origins of Global Pentecostalism: A Biography and Documentary History*. Durham: Duke University Press, 2014, p. 62.

Considerações Finais

Na introdução, apresentamos frases relacionadas a Charles Fox Parham encontradas na internet. Embora contenham um vislumbre da verdade, estas estão permeadas de equívocos históricos, como a ideia de que Parham foi o fundador das Assembleias de Deus. Tais afirmações são representativas da imagem que tanto o pentecostalismo quanto seus críticos construíram acerca do movimento. Assim, entendemos que a percepção que se tem sobre a história de um movimento influencia as referências aceitas e rejeitadas ao se moldar a “face” de uma instituição. As evidências que associam Parham ao racismo, à Ku Klux Klan e supostas alegações sobre sua homossexualidade levaram à sua exclusão da narrativa histórica do movimento pentecostal.

No entanto, corrigir erros históricos não significa negar a história. Se os opositores do pentecostalismo não conseguem distinguir o que o movimento foi e suas respectivas correções com maturidade intelectual, muitas vezes os pentecostais não foram honestos ao referenciar seus protagonistas. É compreensível não escolher Parham como uma figura heroica, mas omiti-lo da literatura oficial é desonestidade. Infelizmente, não temos a opção de escolher nosso passado, mas podemos reinterpretá-lo. Isso foi feito já na primeira geração por Willian Seymour, que, apesar de suas imperfeições, reformulou a experiência racista proposta por Parham. Além disso, reduzir Parham apenas ao seu racismo, que de fato existiu e é empiricamente comprovado, é negligenciar um vasto campo de pesquisa sobre a religiosidade norte-americana. Mesmo sendo proponentes de uma teologia desenvolvida na América Latina, devemos reconhecer que a maneira como elaboramos a teologia e buscamos corrigi-la tem raízes nos EUA. Identificar nossas próprias limitações religiosas envolve reconhecer os extremos originados na terra do Tio Sam.

A influência do pensamento e da cultura norte-americana na formação do pentecostalismo latino-americano é inegável. Contudo, a capacidade de ressignificação, adaptação e reformulação das práticas e crenças importadas é uma das características marcantes das comunidades religiosas na América Latina. Em busca de uma identidade única, nossas igrejas não apenas absorveram os ensinamentos vindos do Norte, mas também os fundiram com elementos culturais, sociais e espirituais locais. Esta fusão criou uma expressão pentecostal distinta, rica e diversificada que ressoa mais profundamente com os fiéis da região. Ao olhar para trás e reconhecer as origens e influências, somos mais bem equipados para entender o presente e moldar o futuro. Esta reflexão crítica sobre a história é essencial não apenas para corrigir erros passados, mas também para guiar o movimento em direções mais autênticas, inclusivas e relevantes. Em um mundo globalizado, onde as fronteiras entre culturas e tradições estão cada vez mais tênues, é vital para o pentecostalismo latino-americano reconhecer suas raízes, enquanto continua a forjar seu próprio caminho, refletindo a diversidade e a riqueza da fé na região.

Referências

ANDERSON, Allan. The Dubious Legacy of Charles Parham: Racism and Cultural Insensitivities among Pentecostals. *Pneuma: The Journal of the Society for Pentecostal Studies*, v. 27, n.1, p. 51-64, 2005.

- BURGESS, Stanley; MAAS, Eduard M. Van. *The New International, Dictionary of Pentecostal Charismatic Movements*. Califórnia: Zondervan, 2002.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, n. 67, p. 100-115, 2005.
- ESPINOSA, Gastón. *William J. Seymour and the Origins of Global Pentecostalism: A Biography and Documentary History*. Durham: Duke University Press, 2014.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". *Educação & sociedade*, v. 23, p. 257-272, 2002.
- FREMON, David K. *The Jim Crow Laws and racism in American history*. Berkeley Heights: Enslow Publishers, 2000.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 307 f. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Unicamp, Campinas, 1993.
- GASPERI, Fernando Vanzin de. *Eventos importantes relacionados aos direitos de homossexuais nos Estados Unidos analisados à luz de teorias culturais*. Temporalidades, Belo Horizonte, v. 3, n. 7, p. 59-70, set. 2015.
- GOFF Jr, James. *Fields White Unto Harvest: Charles F. Parham and the missionary origins of Pentecostalism*. Fayetteville: University of Arkansas Press, 1988.
- HOLLENWEGER, Walter J. *The Pentecostals: The Charismatic Movement in the Churches*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1972.
- JACOBSEN, Douglas. *Thinking in the Spirit Theologies of the Early Pentecostal Movement*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2003.
- JOHNSON, Andrea S. All Manner of Evil Spoken Falsely. Acts of Sodomy, the Pentecostal Presses, and the Narrative of Charles Fox Parham. *Pneuma*, n.41, p. 31-49, 2019.
- KIEFFER, Tiago de Moraes. O Espírito entre Topeka, Los Angeles e Chicago. *Revista Teológica*, v.1, n.10, 2022.
- KIEFFER, Tiago de Moraes. Qual o papel das línguas estranhas? Aproximações e distanciamentos entre Charles Fox Parham e os assembleianos brasileiros. In: *VIII Congresso Anp-tecre*, 2022, São Leopoldo. Anais do VIII Congresso da ANPTECRE. Porto Alegre: Editora Fundação Fenix, 2022. v. 2. p. 509-516.
- LEE, Chang-Soung. *Speaking in Tongues Privately and Publicly: Charles F. Parham's View of Speaking in Tongues*. 2018.
- LEE, Chang-Soung. Who is the father of Pentecostal Movement? *Journal Of Yongsan Theology*, Yongsan, v. 43, p. 303-354, 2018.
- PARHAM, Sarah. *The Life of Charles F. Parham: Founder of the Apostolic Faith Movement*. JOPLIN: The Tri-State Printing Company, 1930.
- REINKE, André Daniel. *O sionismo cristão e sua influência na cultura protestante brasileira*. 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades Est, São Leopoldo, 2018.
- ROCHA, Dalton Catunda. *Alguns estranhos pastores pentecostais americanos*. Disponível em: <http://solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/QEstranhosPastoresPentecostais-DCRocha.htm>. Sem Ano.

ROOT, Jonathan. *A People's Religion: the populist impulse in early Kansas pentecostalism, 1901-1904*. 2009. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Departamento de História, Kansas State University, Manhattan, 2009.

SYNAN, Vinson. *O Século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Editora Vida, 2009.

Submetido em: 20/09/2023

Aprovado em: 17/06/2024